

# De Mal com o Mundo

O segundo turno da Constituinte abre espaço para os legisladores brasileiros demonstrarem que este país não está de mal com o mundo, revendo os pontos que estrangulam a atuação das empresas multinacionais no país. O que foi votado até agora parte do princípio de que é preciso defender reservas de matérias-primas num momento no qual o desenvolvimento depende fundamentalmente de tecnologia, e tecnologia é a principal matéria-prima.

Mais que isso, tenta impedir a competição, ao optar pela reserva excessiva de mercado, protegendo os altos custos que inviabilizam a própria economia exportadora a longo prazo, para não falar no consumidor doméstico, a prazos mais curtos.

Existem na Constituinte equívocos que evidentemente decorreram de preconceitos ideológicos, além do combustível radical que segmentos do PMDB adicionaram às plataformas do partido majoritário. O segundo turno transcorre num período em que há mais espaço para a serenidade e a consistência de propostas, que não sacrificam o país aos interesses grupais, ou externos, nem fechem as portas ao capital estrangeiro.

O argumento lógico para os constituintes

considerarem é a presença que as empresas e o capital nacional já detêm no mercado doméstico. O Brasil controla com suas empresas vastas áreas de produção mineral e industrial, tendo condições, portanto, para desenvolver *joint-ventures* com o capital externo, sem alienar a sua soberania. O que é preciso preservar é a capacidade associativa, típica do desenvolvimento industrial em todas as partes do mundo. A regra, no comércio exterior e nos investimentos de capital, é hoje a *joint-venture*, a associação, em lugar do controle absoluto do capital como ocorreu nas décadas de 60 e até a década de 70. Hoje, as multinacionais buscam parcerias onde podem chegar com seus recursos, e, se o Brasil for um país fechado aos investimentos, seus representantes aqui simplesmente perdem a vez para os gerentes de outros países mais agressivos na procura de capitais externos.

Até no desenvolvimento tecnológico caíram barreiras às parcerias, pois as indústrias disputam espaço para o consumo de massa em computadores, terminais, aparelhos de telecomunicação e outros. Uma inteligente proteção da indústria nacional passa pela absorção de capitais e pelo fortalecimento das *joint-ventures*.